

LINZ.

LINZ na margem meridional do Danubio (*) é uma cidade importante, que numera vinte e quatro mil habitantes, e tem activa industria commercial: é o ponto de juncção de dois caminhos de ferro, um que prosegue para o norte pelo interior da Boemia, o primeiro que por este methodo moderno se construiu na Alemanha, e outro que vai para o sul na direcção dos districtos das minas do sal. A feição mais conspicua appresentada por esta cidade é o sistema de suas fortificações, que dizem foram levantadas segundo um novo plano dado pelo archiduque Maximiliano d'Este. Muitas cidades fortificadas tem a muralha continua, que as cercam com baluartes, portas &c. a intervallos; porem Linz é rodeada por uma linha de fortes separados, situada a pouco menos de uma legua da cidade, e que comunicam uns com os outros por meio de um caminho coberto, ocupando assim o circuito de quasi tres leguas. Cada torre é de 30 pés d'alto e 80 de diametro; mas estão enterradas pelo chão de forma que só deixam visiveis os tectos; são resguardadas por fossos profundos. Ha tres andares ou pavimentos em cada forte; o baixo serve de paiol da polvora, o do meio para quartel da guarnição, e o superior é uma plataforma montada com dez peças que podem varejar os aproxes em qualquer direcção. As vantagens que tomaram por alvo neste sistema são — que cada um forte será objecto de um ataque especial do inimigo — e que a despeza da construcção é menor que pelo methodo ordinario.

(*) Vid. a pag. 41 do presente vol.

MARÇO 30 — 1844.

Deixam entrar os curiosos visitadores para examinar o interior de algum dos fortes, que dizem ter bastante parecência com o porão das náus de guerra.

Linz é a capital da Austria Superior, e está situada agradavelmente na confluencia do Traun com o Danubio, tendo sobre este uma ponte de madeira do comprimento de 864 pés. É repartida em quatro divisões, isto é, a cidade e os tres arrabaldes. A cidade velha compõe-se de uma rua mui comprida, e é muito mais pequena que os suburbios: na maior das suas tres praças (:) está a *columna da Trindade* inaugurada em 1723 pelo imperador Carlos 6.º; e ahí mesmo dois chafarizes. Actualmente é toda bem edificada, o que procedeu dos fogos, que tem experimentado, [nomeadamente o espantoso incendio de 1800 que destruiu grandes edifícios] porque as reconstrucções tem sido feitas sempre com bastantes melhoramentos. Entre as suas sete igrejas a mais espaçosa é a sé que pertencera aos jesuitas: mencionaremos por mais notaveis, o edifício das repartições do governo; a nova casa das sessões dos estados provinciales que tendo ardido a antiga no devastador incendio que citámos erigiram a presente que é magnifica; a casa municipal construída em 1414, o gymnasio, a alfandega, e um primoroso theatro; tambem a grande fabrica imperial de tecidos de laã e tapetes; afirmam que este immenso estabelecimento, no estado de sua maior florecencia, já dera emprego, quer directa quer indirectamente, a mais de vinte e cinco mil pessoas, hoje

(:) Vid. a estampa que precede.

assim mesmo occupa o crescido numero de 10:500 operarios. — Linz, e a sua industria, padeceram muito nas invasões francezas: conserva porem importantes manufacturas de chitas e fustões, de cortumes, de polvora, e outras. É praça de activo commercio que lhe facilitam os caminhos de ferro já indicados, e que sem duvida crescerá com a recente estabelecida navegação a vapor pelo Danubio para o Mar-negro. É séde de bispado; possue um lyceu com uma bibliotheca de 25:000 volumes, varias escolas publicas, um asylo para surdos-mudos, e mais alguns institutos de caridade.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

A vingança.

10.^o

ALONSO, ó Alonso! Alonso! já estás ferrado no sono, home? [dizia na sua choupana um guarda da coutada de Lara para o companheiro].

— Ainda não. Mas que é o que tu queres, Alvaro?

— Não sentes um estruipido de cavallos? [continuou o primeiro guarda].

— Sinto [lhe respondeu o segundo]. É alguma manada que vai para a feira.

— An? Nemja isso [lhe tornou Alvaro]. Cá o que eu oíço vai subindo a montanha. Tu tens a orelha mais aguida que a minha. Deita-te no chão, e põe o ouvido á escuta.» Alonso, que estava recostado sobre uma esteira de tabúa, deitou-se no chão, pôz-se a escutar, e dahi a pouco disse para o companheiro:

— O comadre Alvaro, parecem-me homes d'armas, e que vão pelo carreiro do ermitero. — E dahi a instantes tornou a dizer:

— O comadre! Agora é certo. Oíço relinchar e resfolegar os cavallos, e elles sobem pelo carreiro que vai direito a San Pedro.»

A esse tempo já um rafeiro que os guardas tinham consigo na choupana começava um resmungar surdo, e desinquieto; e o guarda que estava escutando dizia para o companheiro:

— Accomoda lá o *tigre*, que me não deixa escutar as vozes que vão fallando pelo carreiro.

— Ròu! Ròu! Cal-te, *tigre* [disse então o guarda Alvaro para o cão]; olha que te apalpo as costelas com um varapáu.

— O comadre [disse Alvaro para o outro guarda], o luar está claro que parece dia. Vou-me subir áquelle choupo que está acolá á borda da vala, a ver se de lá enxergo alguns vultos.

— Pois vai, que eu já lá vou ter [respondeu Alonso].»

Então Alvaro subiu ao choupo, que era muito alto; olhou para o lado da montanha donde vinha o estruipido; á luz scintillante da tua viu reluzir armas e vestiduras polidas; e disse para baixo a Alonso, que estava já ao pé da arvore:

— O comadre, são cavalleiros e homes de armas.» Affirmou-se mais, e viu que os vultos alvejavam. E communicou-o logo para baixo ao companheiro.

— O comadre, e as roupas branquejam-lhe como neve.

— Hum! [exclamou o outro]. Estamos aceiados.»

Sobretudo esta ultima circunstancia dava que scismar aos dois guardas. Então Alvaro desceu do choupo, e ambos entraram a formar um sem numero de conjecturas:

— Tropa a taes horas e por aquelle sitio!

— Que será? que não será?

— De onde virá?

— Para onde irá:

— Para o eremiterio parecia-lhes impossivel. Não tinha que fazer lá.

— Por devoção? Não podia ser, porque havia apenas algumas semanas que se tinha celebrado a romaria; que os guardas bem o sabiam.

— Mas se não era por devoção, para algum sim era; que os cavalleiros — não havia duvida — para aquelle lado se encaminhavam.

— Iam atacar, ou defender?

— Atacar! Que é dos inimigos?

— Defender! De que, se os não havia?

E assim se emmaranharam n'um labirintho de duvidas, de perguntas e respostas, de sins e nões e nemjas, em que nunca chegaram a encontrar sahida.

Mas o que se passava áquelle hora no eremiterio? E que luzinha era a que lá em cima se via?

Era a da cella de Fr. Pelayo, que estava ainda de pé. O monge tinha diante de si uma ampolheta, ou um relogio de areia; pois a ampolheta de Fr. Pelayo não se parecia com as nossas senão em medir o tempo pelo mesmo artesicio. A meia hora estava a cahir por instantes nos ultimos grãos de areia, e o ancião lia o psalmo sagrado: *Qui habitat in adjutorio Altissimi, &c.* Ao chegar ao verso: *A sagitta volante in die, a negotio perambulante in tenebris, &c.*, a meia hora cahiu: era uma depois da meia noite. Fr. Pelayo virou então a ampolheta, aticou a luz, e continuou a sua leitura. Fr. Sylvano, fatigado do trabalho que tinha tido esse dia, dormia profundamente. Fr. Arsenio fazia o mesmo; que, a fallar a verdade, elle era mais amigo da cama que da leitura e da disciplina. Dorminhoco e muito medroso; mas bom homem, e excellente monge era elle.

Dos moradores da casa só dois velavam. Um era Fr. Pelayo: o outro era *Vigilante*, o cão do eremiterio, um alentado mastim como não havia outro por aquelles arredores. *Vigilante* estava deserto: é que elle já tinha presentido ao longe o sonido de cavallos, e á proporção que estes se vinham approximando, o animal gemia e resmungava. A principio o monge todo embebido na sua leitura mystica, e nas contemplações com que em espirito se alçava até o throno do Altissimo, não reparou nisso. E ainda depois quando os ladridos, posto que surdos, continuados, do cão, o advertiram, não fez caso, cuidando que era bicho, ou lobo, que o faro presentido do animal estava daquelle modo denunciando. Mas quando, passados poucos minutos, *Vigilante*, que até então tinha latido sem se mexer do seu pouso n'um corredor terreo que rematava á porta do eremiterio, se levantou, e com ladros ora lastimados, ora ameaçadores arremeteu para a porta, arranhando-a; o monge suspeitando que havia mais alguma cousa, applicou o ouvido, e sentiu com effeito passos de cavallos já mui proximos. Continuou a escutar, e percebeu o tropel cada vez mais distinto. Ouviu vozes, e já tão claramente, se bem as não entendesse, que se dirigiu, estugando o passo, a uma janella, que dizia para a montanha; olhou; e viu já quasi chegando ao topo da

montanha uma fileira de cavalleiros. Pelo alvejar das roupas percebeu trazerem capotes brancos; e pelo brilhar das armas que eram homens de guerra. Vigilante já a esse tempo estava furioso. Ladrava, uivava, bramia, raspava o chão, arranhava a porta. Pobre cão!

Fr. Arsenio e Fr. Sylvano, acordados pela matinada infernal do cão, tendo-se levantado a toda a pressa, correram á cella de Fr. Pelayo.

— São mouros. [dizia Fr. Arsenio, todo assustado]. Não ha duvida. Tive esta noite um pesadelo horrivel, tão funesto que nem eu me atrevo a referir-vos-lo!»

A este tempo os cavalleiros já iam subindo á estreita planura, onde se achava a ermida; e um delles, agigantado, que vinha na frente, e que parecia ser o cabeça, a cavallo como estava, em quanto alguns dos que o seguiam se apeavam, fallou para cima em aljamia facil de entender algumas palavras, que soavam pouco mais ou menos:

— Monge Pelayo, abre a porta a al Mançor, que vem por mandado do califa de Cordova pagar-vos uma divida em que o miramolim vos está desde a batalha de Osma.

— As portas da casa do Senhor [respondeu o monge com serenidade e resolução] estão eternamente cerradas para infieis.

— Quiz ser cortez para contigo [lhe tornou o mouro com inflexão de voz em que respirava a mais amarga ironia]; e tu voltas-me com insultos! Abre a porta, ou n'um instante a farei voar em pedaços.

— Não será aberta por mãos christãas; e se por força a entrees, maldição sobre ti, e o teu infame propheta!

A estas palavras do monge um bramido de indignação se levantou entre os cavalleiros árabes; al Mançor fez um signal, e apoz este signal seis arcos se encurvaram, e seis frechas partiram rechinando contra a janella onde estavam Fr. Pelayo e os companheiros. Quatro, batendo sobre a umbreira, se abolaram e cabiram ao chão; mas duas foram empregadas em Fr. Pelayo, que, como mais animoso e desprezador do perigo tomado a mão aos companheiros neste lance, tinha deitado a cabeça e o corpo fóra da janella, e estava mais exposto que elles, que, de prudencia ou por medo, se haviam retrahido um pouco. As faces do monge se banharam em sangue; porque uma das frechas lhe roçou rijaamente pela testa, e o feriu, e a outra lhe atravessou uma das faces, ficando espetada. Mas elle sem perder o acordo disse para Fr. Arsenio:

— Irmão, ide depressa á capella tirar o crucifixo e a imagem de N. Senhora, que o conde confiou desta casa, e escondei-os na gruta mais escura do subterraneo da ermida. Que ao menos se salvem da profanação destes barbaros essas reliquias sagradas!

Em quanto Fr. Arsenio escondia o crucifixo e a imagem, a porta do crematorio cedia voando em pedaços aos golpes repetidos da clava árabe. Mas a entrada não foi tão facil como a suppunham os agressores; porque Vigilante, o formidavel mastim, lha defendia. A porta era muito estreita e tão baixa, que ainda um homem de estatura menos de mean não podia entrar sem curvar-se todo. O cão postou-se no limiar; e ainda que ferido da lança do primeiro árabe que intentou penetrar dentro, lançou-se-lhe ás guecas e tombou-o meio morto. Com o segundo ainda foi mais bem sucedido, porque evitando-lhe o bote da lança, se ergueu a pino, e pondo-lhe as pa-

tas sobre o peito o derribou tão desastradamente sobre umas pedras, que o mouro com a violencia da queda esmigalhou a cabeça e quebrou as pernas. Então temendo os covardes agressores medir-se frente a frente com o denodado e fiel guarda do eremitorio, recorreram á traição, e despediram sobre elle um chuveiro de setas, até o encravarem de todo. Entraram então. Mas Vigilante, que ainda vivia, a rojo os investiu com mordeduras crueis; e tiveram de acaba-lo ás lançadas. A Fr. Pelayo que, da janela onde se havia conservado, observava os esforços desesperados, e a destemidez do cão, rolaram pelas faces duas lagrimas, quando entendeu que o nobre animal tinha succumbido. Viu romper pela porta do eremitorio, já desempedida, os árabes furiosos pela resistencia imprevista que tinham encontrado, e na sua cella onde estava, á mesma janela, no mesmo lugar exactamente onde se achava, com a seta ainda pregada na face, e o rosto todo ensanguentado os esperou com resignação christã.

Entraram emfim na cella, e no primeiro impeto quizeram logo matar Fr. Pelayo e ao companheiro: mas al Mançor os deteve.

— Monge Pelayo, [lhe disse al Mançor] o sublime califa de Cordova deve-te uma divida de sangue; mas tão generoso é elle que te quer pagar o dano com benefícios.... [E aqui parou, fitando o monge, como quem observava o efeito que produziam estas palavras].

— O beneficio que eu delle quero é a coroa do martyrio [respondeu o santo velho com ar de resolução evangelica, e doçura inefável].

— Adorador do nazareno! [lhe tornou al Mançor]. Que miseraveis, insensatos, e pobres de espirito desejem e procurem o martyrio, não me maravilha a mim; mas que tu, ornado com os dons da sabedoria, leves a demencia e o desprezo da vida ao ponto de provocares voluntariamente a morte, excede a minha comprehensão. Attende ao que te digo, velho, não te obstines e encrueças em tua perda. Opredooso e clemente abd el Rahman te oferece abrigo, consideração, e riquezas.... [E al Mançor tornou a parar, fitando o velho. Então este corou de indignação; mas reprimindo um pouco aquelle abalo interior, disse para o árabe]:

— Junta outras a estas setas com que me feriste; criva-me todo com ellas; excogita os tormentos mais crucis contra este fraco corpo; mas não insultes, al Mançor, as cañas de um velho, propondo-lhe a apostasia com offertas corruptoras. Sou peccador, mas não depravado: nunca reneguei da fé! Sesenta annos tenho vivido nesta lei de meu Senhor Jesus Christo, e nella espero morrer. Se tu podeses comprehendere as consolações intimas que estão escondidas no seio desta religião divina, e o meu coração podesse verter no teu os sentimentos e afectos que elle abriga, desistirias do empenho baldado de me offuscar os olhos com o painel enganoso de uma vida perecivel, de me seduzir com as promessas vaidosas e infatuadas do mundo!

— Monge obstinado e rebelde! [lhe respondeu al Mançor com sorriso amargo, suffocando a custo a colera que nelle haviam solevantado as ultimas palavras do frade]. Velho tresloucado! rejeitas a offerta generosa do sultão, e por cima ainda ousas catherizar a al Mançor! Agora lembra-te dos teus crimes e dos teus conselhos, conselheiro infernal do conde de Castella; lembra-te do desastre de Osma! Inimigo implacavel do propheta, estás em poder dos seus filhos! Panthera sanguinaria de Castella, foste

apanhado na tua caverna! Dize-me — que foi feito do teu dom de prophecia, que te não aproveitou para preveres o desastre que te esperava? Cuidavas — nescio! — que o sultão te offerecia honras e riquezas, porque carecesse de ti! Não. É que se havia de matar o tigre, queria antes tê-lo engayolado, e acrescentar mais esta curiosidade á sua colleção de animaes ferozes! Ou . . . já me ia esquecendo: dize cá: onde está o celebrado estandarte do conde, que se fôr de ouro ou prata, hâde ser bom para fazer arreios para as escravas do harem?

— Não desacates [lhe atalhou o monge] com essa boca blasphemava a cruz do Redemptor; com as tuas mãos sacrilegas eu te prometto que a não hasde profanar, porque não quero dizer-te onde ella está.

— Eu mesmo [lhe tornou al Mançor mosfando] te levarei de rastos a mostrar-te onde ella está. [E no mesmo ponto lançou as mãos ás barbas do velho, e o ia arrastando para fóra da cella, quando Fr. Arsenio, que até então se tinha conservado escondido, inspirado repentinamente da coragem que de ordinario lhe faltava, e daquelle Alta Efficacia que pôe animo nos mais apoucados, sahindo ao encontro de al Mançor, disse para este:

— Não façais ao veneravel velho uma violencia inutil. O estandarte desapareceu da capella, onde se achava depositado: foi milagre de Deus que quiz salvar de um desacato nefando a effigie sacrosanta.

— Ah! [lhe respondeu al Mançor] tambem tu cá estavas, laparo da montanha, e sahiste da toca sem que os podengos te maticassem, ou te procurasse o furão! Agora — eu te prometto que te não hâde ser facil escapares para o covil. Segurem-no lá [disse al Mançor para os soldados].

— É escusado [tornou Fr. Arsenio]. Daqui não arredo pé. Seguirei a sorte dos meus companheiros. A minha cabeça aqui está [e inclinou a cabeça oferecendo-a ao alfange de al Mançor] prestes para o sacrificio.

— Arrastai os dois [disse al Mançor para os soldados]; que com este velho perro eu me haverei, e a rojo irá tambem, se de outro modo não quizer seguir-me á capella.

— A rojo irei, barbudo! [lhe tornou Fr. Pelayo] mas de outra sorte não. Não quero ser testemunha voluntario de um desacato horrendo no santuario do Senhor.»

Então al Mançor começou a arrastar violentamente a Fr. Pelayo que resistia; e Fr. Sylvano ao ver a afronta por que estava passando o veneravel velho, se abalou d'um impeto tão desapoderado, que soltando-se dos mouros que o seguravam, arrancou o alfange das mãos de um delles, e como era destro e valente ainda feriu gravemente a dois ou tres dos primeiros que se lhe oppozeram; mas acabrunhado pelo numero cahiu morto sobre o pavimento, coberto de golpes; e as vozes de Fr. Pelayo que lhe dizia — *resignai-vos, irmão; não derrameis sangue* — já as não ouvia Fr. Sylvano, porque a sua alma já tinha voado á morada eterna dos justos.

Então os dois monges que restavam vivos, foram cruelmente arrastados até á capella, e ao entrarem dentro daquelle asylo sagrado, perguntou al Mançor para Fr. Pelayo:

— Que é do estandarte do conde de Castella?

— Está a salvo das tuas mãos de algos [repliqueu o velho com um gesto em que lhe transluzia o regosijo por se achar a recato o crucifixo precioso].

— Que é do estandarte do conde de Castella? [perguntou al Mançor a Fr. Arsenio].

— Desapareceu da capella por milagre de Deus [respondeu tranquillamente o monge].

— Não queres dizer onde está o estandarte do conde de Castella? [lhe tornou o mouro].

— Desapareceu da capella por milagre de Deus [repetiu o monge com a mesma tranquillidade].

— Estroncai-lhe a cabeça [ordenou friamente al Mançor para um soldado]. — Um alfange luziu no ar, Fr. Arsenio offereceu a cabeça; e n'um santiamen rolou ella sobre o estrado da capella. O sangue espadanando salpicou o rosto a Fr. Pelayo, e no mesmo ponto exclamou o velho em gritos de pranto: «Que horror! que horror! no santuario de Deus! E estas paredes não se abatem! Esta montanha não se afunde! E eu, malaventurado velho, cheguei a ver com estes olhos assassinar barbaramente a meus irmãos — coitadinhos! — e pude sobreviver-lhes!» E fazendo uma pequena pausa, como absorvido em cogitações melancholicas, continuou com mais placidez:

— Haverá uma hora que no soccego da minha cela eu virava a ampolheta . . . Era então uma da noite . . . Lia o psalmo sagrado, conversava em espirito comigo, Pai celestial, e me considerava tão estranho e separado do mundo como se estivera já na patria do repouso eterno. . . . Meus companheiros dormiam. . . . Dormiam. . . . Mas. . . . Agora são cadáveres! Perdão para os seus assassinos! [o ancião ajoelhou]. Misericordia para os meus peccados, que breve tenho de me achar na presença do meu Juiz! Misericordia, Senhor! Misericordia!» O veneravel velho cahiu de bruços todo suffocado em pranto. Os arabes, tocados involuntariamente de um sentimento de respeito, se afastaram impressionados daquelle spectaculo, e commovidos do fervor e eloquencia com que o monge orava ao Eterno. E al Mançor, impellido d'um movimento occulto de sympathia e admiração para Fr. Pelayo, e ainda d'outra causa, tentou outra vez seduzi-lo;

— Monge [lhe disse o arabe], sê rasoavel. Ainda posso poupar-te a vida.

— Viver já não é para mim [lhe respondeu o ancião]. Eu sou um homem que pertenço ao tumulo como as folhas pertencem ao tronco, e as ondas pertencem ao mar. Heide acompanhar meus irmãos na morte, como os acompanhei na vida. Só te peço que me deixes nesta hora extrema respirar um pouco de ar, e dizer adeus á minha montanha.

— De boamente te concedo [lhe tornou o arabe].

Desceram então á planura. E alli, al Mançor mardou afastar os soldados, e chegando-se a Fr. Pelayo, tornou novamente a tenta-lo. E desta vez as suas instancias foram mais empenhadas, as suas promessas mais brilhantes, as suas palavras mais sedutoras. Mas o monge guardava silencio.

— Não respondes [lhe disse o arabe].

— Deixa-me primeiro dizer adeus á minha montanha [lhe tornou o velho].

— Dize, embora, com tanto que te não despeças da vida.»

O monge levantou os olhos ao céu, pôz as mãos, e ficou alguns instantes no recolhimento da oração. E depois abaixou os olhos para a montanha, levantou o braço, e exclamou: «Ó montanha, reducto inexpugnable da fé, adeus para sempre! Eu te abençõo como abençoei a nobre espada que venceu nos campos de Osma.» A esta apostrophe al Mançor ficou tremulo de raiva, e disse para os soldados:

— Encurvai os arcos, e frechai-me esse malvado.... Mas não.... Quero antes do seu transe cumprir-lhe a ultima vontade. Que o acompanhem na morte seus irmãos. Trazei os cadáveres dos dois monges, e trazei tambem o do cão.

Chegando com elles os soldados, al Mançor mandou que despissem os dois monges, e os collocassem nus ao pé de Fr. Pelayo. O velho, vendo os corpos destroncados dos companheiros nus, e ensanguentados, exclamou novamente: «Horror! horror! Se ainda conservas entradas de homem, ao menos deixa-os jazer dentro da ermida.

— Não! [lhe tornou al Mançor]. Elles e tu ficarão nus sobre a terra arida, no cume desta montanha, expostos á voracidade dos corvos do ar, e das feras que habitam nas cavernas deste ermo.

— Misericordia, senhor! misericordia para os meus peccados! E perdão para estes assassinos!

Os arcos encurvaram-se; as frechas partiram; e o velho caiu morto ao pé dos seus companheiros.

A noite estava magestosa. A lua em todo o seu esplendor derramava torrentes de luz sobre a montanha. O pintacílgo e o rouxinol trinavam suavemente sobre os freixos e os salgueiros á orla das margens do Arlança. E o Arlança, murmurando, deslisava as suas aguas que brilhavam aos raios tremulos do astro da noite. Os árabes desciam a montanha. Quem era uma figura agigantada que ia na frente com a viseira erguida? Era al Mançor. A lua batendo sobre o elmo do guerreiro árabe, descobria-lhe o semblante annuviado de tristeza. E

que não tinha desempenhado completamente a comissão do califa; o qual com o maior encarecimento lhe encomendara que não poupasse nenhum meio de seduzir Fr. Pelayo, e que só lhe tirasse a vida depois de oster esgotado todos. É que al Mançor estava pezaroço da morte do monge, porque a alma do cavalleiro do crescente sympathisava com a do sacerdote christão. — Do outro lado da montanha dizia um guarda da coutada para o companheiro:

— O compadre, não ouves outra vez estruipido de cavallos?

— Oiço [lhe tornou o outro]. E olha que se me não engano, elles vem descendo o carreiro.

— Queres tu apostar que são os mesmos que haverá hora e meia iam subindo! [insistiu o primeiro].

— É o que hade ser.

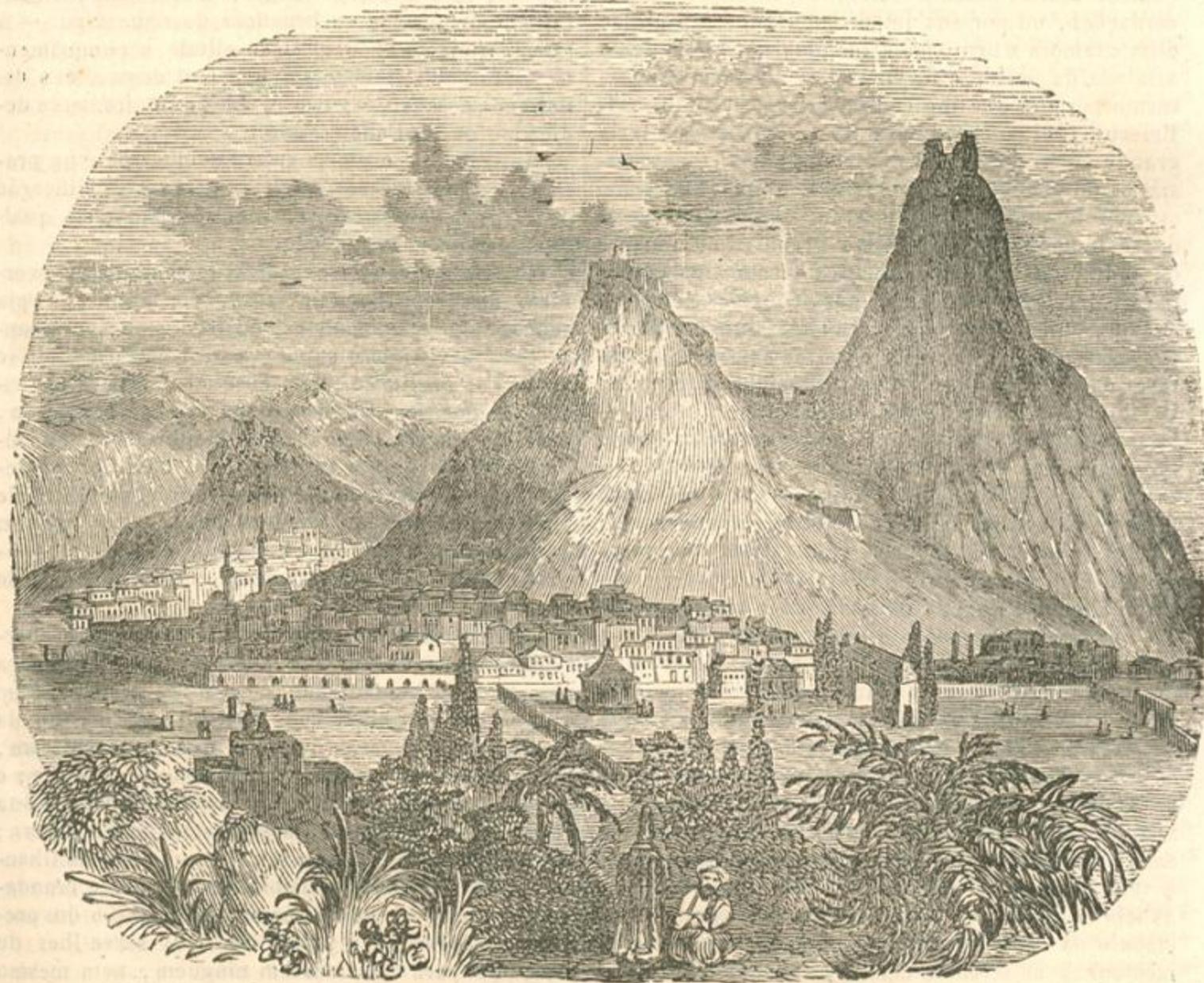
E no harem de Azzahrat occorria o que referimos no antecedente capítulo.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

*

Puzemos a palavra «assassino» na boca de individuos que viveram no seculo dez, sem embargo de ter ella começado a introduzir-se nas liuguas da Europa, ao fechar, somente, do seculo 12. Sobre a derivação da mesma palavra pôde consultar-se Thierry, Historia da conquista de Inglaterra pag. 293 na edição completa das suas obras, Bruxellas 1838; e tambem o Dicc. das datas.



TOKAT NA ASIA MENOR.

ASIA MENOR é um termo que os geographos da Grécia antiga desconheceram, os quae á regiā correspondente chamavam [como dizemos hoje] Anatolia, derivando-lhe o nome do vocabulo de sua lingua [*anatole*] que significa *orient* ou «a parte onde nasce o sol»; á maneira da palavra «Levante» que os franceses primeiro empregaram para designação das terras que guarnecem as praias orientaes do Mediterraneo. — Por qualquer dos dois termos se denomina o extenso paiz de forma peninsular, limitado ao norte pelo Mar-Negro, ao occidente pelo Egeu ou Archipelago grego, ao sul pelo Mediterraneo, e que na fronteira terrestre confina com a Armenia e o Euphrates. O major Rennell [no Tratado da geographia comparativa d'Asia occidental] assignalando-lhe por limite oriental uma linha de 300 milhas tirada do golpho de Issus ao Mar-Negro, calcula este territorio em $\frac{2}{3}$ da nossa peninsula hispanica, com a qual tem algumas analogias de clima e produções, posto que sujeitas a muitas mais variações. — Séde da civilisação primitiva, theatro de grandes sucessos na antiguidade, a sua historia politica occupa larguissimo capitulo na historia do mundo; e com tudo pôde dizer-se que a Asia Menor na actualidade de não é ainda bem conhecida. Os seus habitantes agora são geralmente nas cidades e aldeias turcos, gregos, armenios, e judeus; a gente que não vive em povoações permanentes são dibras de povos nomadas provavelmente de raça mixta, que de ordinario os autores classificam sob a denominação de turcomãos, e alguns os confundem com os curdos que na realidade constituem nação diferente. — Contém muitas cidades celebres por historicas recordações, ou por sua importancia presente, entre elles a famosa e bem conhecida Smyrna, tantas vezes assolada da peste, e de incendios, e recentissimamente por um que lhe causou estrago incalculavel. Erzerum, cidade populosa do sertão, e que fazia grande commercio, foi devastada pelas tropas russianas do commando de Pascovitch em 1829 como estarão lembrados os que leram as nossas gazetas desse tempo; nessa occasião grandissimo numero de individuos de varias nações foram trasladados para o territorio russiano, uns seduzidos pela persuasão, outros levados á força: mas breve todos se desenganaram; e por esta e outras causas é lamentavel o estado a que se acham reduzidos aquelle distrito e circumvisinhanças. Se o leitor, que cultiva o recreativo e util estudo da geographia revistar no mappa essa porção da Ásia que demora pela costa do sueste do Mar-Negro topará com uma regiā em que fermentam odios entranhaveis; onde turcos, curdos, persas, e russianos se detestam reciprocamente, e só ajuntam seus interesses e convivem ocasionalmente, quando dois delles são attacados por um terceiro mais poderoso que ambos.

A quasi um terço da distancia de Erzerum a Constantinopla jaz uma cidade vasta e aberta, chamada Tokat, que muitos supozem ser a antiga *Cumana* do Ponto, isto é da regiā em que dominou o famigerado Mithidrates: é situada nas faldas de duas altas serras na quebrada que formam, proxima ao rio, dos antigos chamado Iris; tem seu castello roqueiro, e vistas picturescas dos montes e valles, de que é cercada: o seu clima é sujeito ás febres do estio e outonaes. Formam grato espetáculo as casas numerosas apinhadas nas bases de montanhas adherentes entre si, ao que dão variedade as mesquitas e corucheus pelo meio delas espalhados. Já foi centro de extenso commercio in-

terno, procedente de toda a parte da Ásia, mas actualmente é grande a sua decadencia, porque todos os mercadores vão buscar as fazendas a Constantinopla: conserva contudo varias manufacturas, entre elles a do prepero do cobre das minas de Argana, e da fiação de seda que tira de Amasia, a antiga Sebaste.

ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO MINISTRO D'ESTADO.

Da devoção no sentido moral e religioso.

DEVOÇÃO, propriamente dita, significa piedade, e affeição ás praticas e aos exercícios de religião. — Devoções, quer dizer, essas mesmas praticas religiosas.

No sentido moral, e por extensão, chama-se devoção a uma certa disposição da vontade para fazer, quanto de nós depender, o que for util, ou agradável a outro individuo, á humanidade, ou á patria.

A este sentimento ou disposição chamam os franceses *dévolement*, dedicação.

Por esta dedicação ou devoção uma pessoa expõe-se ao fogo, á agua, ou a qualquer outro perigo para salvar um individuo, que até mesmo não conhece, por exemplo: o medico que a bem da humanidade em uma epidemia arrisca a sua saude e a sua vida; — o soldado em defesa da patria — o funcionario publico ou cidadão particular a bem do serviço ou do interesse publico; — um amigo expondo-se a qualquer fadiga, incommodo, ou sacrifício em serviço ou beneficio do seu amigo. — A este sentimento ou disposição allude o cumprimento usado pelos franceses = *ami tout dévoué*, e o dos italianos *devotissimo*; isto é, amigo inteiramente dedicado, ou mui afeiçoadado.

Muita honra e gloria cabe áquelle que, na prática, e bem sinceramente, sustenta a qualificação de *dévoué*, *devotissimo*, ou mui afeiçoadado, em qualquer daquelles sentidos!

No sentido religioso a *devoção* consiste no exercicio dos respectivos deveres, com tanto que seja sem exageração, momice, ou fanatismo; por quanto toda a virtude é sujeita a uma certa medida e condição, ou limite, alem do qual degenera em vicio. A devoção religiosa deve ser tão moderada, pura, e sincera como é santo e sublime o seu objecto. O falso devoto tarde ou cedo hade ser conhecido e detestado; e uma pessoa que por debilidade intellectual quer estender as suas cogitações alem do que permite a força humana, expõe-se a delírios e accessos de fanatismo, o que é molestia do espírito.

Os falsos devotos ou beatos são geralmente aborrecidos em rasão de sua aspereza ou indifferença pelo bem da humanidade, e por um certo orgulho que os induz a olhar com desdem para o resto da gente. Na sublime posição em que se consideram, dêdignam-se de praticar algum acto de bondade; e se o fazem é por um modo tão humilhante; a sua justiça é tão rigorosa; a sua caridade tão aspera; o seu zélio tão amargo; o seu desprezo tão simulante ao odio; que a insensibilidade da gente mundana é menos barbara do que a commiseração dos pretendidos devotos. O amor de Deus serve-lhes de desculpa para não amarem ninguem, nem mesmo uns aos outros. Nunca se viu verdadeira amizade entre falsos devotos.

É falsa toda a devoção que não for fundada na humildade christã, e na caridade para com o proximo. — A verdadeira devoção religiosa é um sentimento puramente espiritual, que vem de Deus, e portanto é mui delicado; e para ser havido por verdadeiro e santo é mister examinar-se com as necessarias precauções para não se confundir ou equivocar com o vicio ou abuso da sincera devoção.

Filipe Ferreira d'Araujo e Castro.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

IV. (*)

A CONVENIENCIA dos vivos arrancando os mortos das suas antigas sepulturas, roubando-lhes a santa sombra das abobadas dos templos, desterrou para longe do tumulto das cidades a lembrança solemne e eterna da morte, como se podesse ser obra do fraco poder humano perder a recordação da unica lembrança que nunca o desampara! O sacrifício foi custoso: merecia uma compensação; em Portugal ainda não a teve. Um cemiterio é o templo dos mortos, como a igreja ficou sendo o templo dos vivos. É mister que nesse logar santo tudo nos falle de Deus; é mister que a religião se patentee sublime e magestosa entre as sombras da morte como entre a luz da vida; é mister que a inspiração, imbebendo-se no vago e mysterioso pensar da eternidade, nos appresente a imagem da sua origem. A arte deve, divina e sublime, velar constantemente na habitação da morte, como um anjo do senhor que baixasse á terra para acompanhar os habitantes dos sepulchros. Olhemos para os nossos cemiterios, e escondamos as faces envergonhadas porque não ha ahi nem uma só inspiração do céu, nem uma unica saudade que a arte haja transformado em maravilhoso monumento! Dos poucos que Portugal possue, ha um que não só por mais extenso, mas até pelo nome merece ser examinado mais de espaço: fallámos do cemiterio dos Prazeres; que nome mais proprio se poderia escolher para o campo que serve de repouso aos ultimos restos mortaes? Prazer, encanto falso da vida, illusão sem termo, morres perto da sepultura, porque alem dos umbraes da eternidade a sensação desaparece: o extasi eterno de que se compõe a vida do céu não pôde ser definido pela pobre linguagem da terra: quanto mais se pensar na poesia, no sentir intimo que revelam estas palavras, cemiterio dos Prazeres, mais se deve admirar o quanto é profundo e grande o pensar do povo: foi a vontade de uma população inteira, manifestada por um costume antigo, que deu esse nome ao campo dos mortos: reunam-se os nossos homens mais sabios, concordem em um outro; se esta concordancia for possível, esse nome, resultado de questão quasi sem termo, será rejeitado pelo povo, que não o trocará por um que já ha muito conhecido, que é seu, e que tem, alem da pureza do sentimento, toda a permanencia da tradição; mas de que serve o nome revestido de tão melancholica formosura, se nesse cemiterio tudo se conspira para destruir o efeito, que devem produzir essas palavras, desde a entrada mesquinha até ao modo improprio porque á luz do dia e por entre pragas se abrem as sepulturas! Entrai no cemiterio dos Pra-

zeres, almas saudosas que sobre a sepultura ides derramar lagrimas de sentimento verdadeiro, e ahi mesmo á porta ridicula desse cemiterio encontrareis interesse: homens trabalhando em pedras e lavrando diferentes tumulos poderão tratar com vosco o modo *económico* de levantardes uma memoria de vaã saudade á pessoa que chorais: pouco distante uma taboleta vos explicará que ahi mesmo se pintam cabeceiras para sepulturas: e depois se, livre destes improprios e importunos objectos, entrardes na ermida, encontrareis algumas creanças mortas atiradas ao acaso para sobre uma especie de canapé: e no centro dessa pobrissima e muito mal arranjada ermida vereis uma tosca meza guarneida com uma baeta velha e nojenta, e sobre ella algum caixão descuidadamente collocado, ou alguma porção de cal; e nem um padre encontrareis que ore sobre os toscos degraus do pobre altar, que por entre o vento que por toda a parte entra eleve a Deus as preces pelas almas que animavam esses tão abandonados cadaveres!... — Depois se a vossa dor vos conduz para perto de uma sepultura conhecida, dai graças a Deus, porque ainda até hoje se não tem regulado o modo como haveis de ajoelhar, e o tempo durante o qual podeis chorar sobre essa sepultura: pois que se a vossa saudade quizer levantar um monumento de lembrança aos ultimos restos das vossas affeções mais queridas, o cordel municipal já designou a espaçosa rua que esse vosso monumento hade ornar: é celebre esta lembrança de arruar os tumulos; parece que se trata de preparar o terreno para algumas corridas de touros ou cavalhadas, e não para um cemiterio. Ruas espaçosas, terra bem calcada é a que se reduz tudo quanto a accão administrativa faz a bem do campo em que repousam os mortos! Esquecia-nos ainda mencionar que os cyprestes tambem estão arruados e collocados ante os tumulos; mas fechemos os olhos para não ver tantas idéas de materialismo, e recordemo-nos dos monumentos que encontramos; vimos muitos, não admirámos nenhum; estará porventura a escultura acabada em Portugal? Não: entraí no convento de S. Francisco e vereis um desmentido formal a esta suposição: as causas de que nos cemiterios se não encontram os primores d'arte dignos desse santo logar, entre outras as mais possíveis são duas: a primeira não saberem os muitos dos que os mandam levantar o que devem ser os tumulos e obras taes; e a segunda é a falta de providencias que se opõem aos resultados desta desgraçadissima ignorancia. Entrando no cemiterio dos Prazeres pouca diferença se encontra, se o comparar-mos a um cemiterio turco. A cruz, esse symbolo eterno da christandade, só por milagre a encontrareis. Mal pensava S. João Chrisostomo que o christianismo chegaria a uma epocha em que se rião esquecidas estas elegantes palavras da sua homilia da adoração da cruz. «Abracemos, com ternura e com respeito, este symbolo venerando da nossa redempção, que nos concede o viver dos bemaventurados, que afasta de nós a tentação, que suavisa as nossas desgraças, que dissipá as trevas da ignorancia que nos ensina, e esclarece todo o universo. É a cruz que concede a força á igreja, que nos livra do peccado, e que é a fonte da nossa salvação: feliz o que a adora e abraça com o coração casto e os labios puros. Armemos-nos com a cruz para conquistar o mundo inteiro; pois que é o glorioso tropheu da victoria que Jesus Christo alcançou combatendo o erro; e

« serve-nos ao mesmo tempo para nos coroar e auxiliar; mata as nossas paixões, e assegura-nos a « salvação, de que é o symbolo.» Se hoje esse santo respeitável, morto ha perto de quinze seculos, voltasse á vida limitada deste mundo, a sua extrema eloquencia, que lhe mereceu o nome de *boca de ouro*, repetiria ante os nossos cemiterios as mesmas palavras com que em Antiochia, sua patria, e em Constantinopla, cidade em que foi bispo, reprehendeu o orgulho e a vaidade. Que diria esse digno prelado vendo montanhas de pedra lavradas sem sentimento, ornadas com brazões, e com a enumeração das honras e dignidades que teve o defunto! Por vergonha deixámos de fallar nas parvas e até hereticas inscripções de alguns. Que diria esse santo padre, vendo estacas numeradas marcando o logar das sepulturas dos que ainda não teem, e talvez nunca tenham tumulo? Que custará substituir essas estacas profanas por uma cruz? esses bocados de marmore ornados com brazões e as vaidades do mundo, ou com os effeitos da ignorancia, não poderiam ser substituidos por primores d'artes que respirassem religião e sentimento? Podiam; mas para isso era mister que brevemente se fizesse cessar esse escandalo publico que dura ha tanto, essa profanação do sentimento e da arte. Talvez dissemos de mais, não em relação ao assumpto, que merece a maior censura, mas em consequencia do logar, pois que algumas linhas temos roubado ao nosso objecto principal; mas um jornal houve que, honra lhe seja feita, já por mais de uma vez tratou deste importante assumpto, e a esperança que temos de que o continuará a tratar, e de um modo por certo muito mais digno do que o nosso apoucado engenho o pôde considerar, fez com que em pouco expressassemos o muito que a este respeito sentimos.

Se a Academia das Bellas-Artes tivesse a consideração que merece; se as suas representações fossem attendidas como desejam os seus zelosos e dignos membros, parte deste escandalo cessaria: isto é a parte que depende das providencias administrativas: pois que sem atacar o direito que cada um deve ter de se entregar a qualquer trabalho, poder-se-hia muito bem providenciar para que os operarios rudes ou os charlatães, ainda mais perigosos, se não podessem encarregar de trabalhos que sem grave prejuizo da honra nacional não podem deixar de ser delineados por artistas: sabemos que a Academia dirigiu ha muito ao governo uma bem pensada representação ácerca de tão importante assumpto; a qual esperámos que seja tomada na devida consideração. Mas antes de fugirmos dos logares publicos onde a escultura deveria brilhar com todo o esplendor do genio, para irmos em um escuro e humido claustro admirar os primores d'arte, que por falta do competente auxilio, não são perfeitamente conhecidos como o deviam ser, sejamos permitido justificar com mais algumas considerações o motivo porque julgâmos do nosso dever chamar a attenção do governo e do publico para essa profanação do sentimento, para esse esquecimento de todos os preceitos d'arte, e inspirações do genio, que tão alto pregoam o desgraçado estado de decadencia a que temos chegado.

É triste o pensar que alguma alma profundamente sensivel, que neste mundo de dôr padeça continuamente por não ser comprehendida, por não ter encontrado senão enganos onde pensava encontrar a felicidade, seja escarneida quando os seus tor-

mentos acabarem ao passar os umbraes da eternidade; essa alma que merecia que sobre os despojos que deixasse na terra se erguesse uma columna partida e sobre esta uma cruz, havia de ter por memoria do seu sofrer, e da resignação com que o padeceu, algum dos uniformes monumentos que guarnecem as ruas dos nossos cemiterios e que revelam pela sua similitud a pobreza do pensamento, e pelo estylo com que quasi todos foram delineados a falta do gosto e do sentimento religioso que deveria aparecer nesses monumentos atravez dos quaes a vida deve ver a morte, e alem desta a eternidade.

Depois de manifestarmos o quanto nos custa ver o sentimento e o genio desapparecerem, por falta de comprehenderem a sua missão, só nos resta a esperança para não descreermos do mundo; para o não considerarmos como incapaz de viver a vida sublime do pensamento! mas se o espirito humano se deixa hoje vencer pela inerte indifferença, virá tempo em que elevando-se até as regiões do infinito reflectirá sobre a terra a brillante luz do céu que o hâde cercar; e se manifestará com todo o seu profundo sentimento e sublime pensar. Talvez tenham ainda de passar alguns seculos antes d'esta epocha, talvez até que só possa ser consequencia de um completo cataclismo; e que só appareça depois de uma indispensavel transformação social: mas que importa que seja tarde e precedida de tão grandes e solemnes acontecimentos que essa epocha tenha de vir, se o passado e o presente nos attestam que não pôde deixar de chegar: tenhamos fé nesta crença, que é tão bem recebida no intimo do nosso coração; e a esperança como um raio da luz do céu virá por entre as espessas trevas do mundo esclarecer a nossa alma e reanimar o nosso sentir amortecido.

S. J. Ribeiro de Sá.

Serra d'Ayre. — Divide esta serra pelo seu cume o patriarchado de Lisboa do bispado de Leiria. Tem muitas canteiras de pedra, e uma, a principal, que está junto do logar da Mira, onde chamam Val d'Azinheira, dá grandissima abundancia de pedra muito boa de obrar e de uma casta tão alva, que em pouco a excede o jaspe d'Italia e a pedra d'Estremoz. Acham-se outras varias pedreiras de um genero de pedra, a que os moradores chamam sanguieira, christallina e transparente, uma branca e outra avermelhada; e desta é maior a abundancia em um sitio, que fica do Patello para o sul, onde chamam a Pia Carneira: é mui procurada, principalmente para embrexados e outras galanterias, que fazem com ella. Além destas está semeada toda a serra de immensidade de pedrinhas soltas e miudas, que imitam na cõr e no seitio a munição. Também é razão que não deixemos em silencio outra especie de pedra não vulgar, que nella se encontra em varias partes, que são uns pedaços soltos de azeviche, que sem duvida tem na mesma serra mina donde sahem: são mui buscados, e daqui os levam os moradores da villa da Batalha, que delles lavram obras de galante curiosidade. — *Vid. Dicc. de L. Cardoso.*

É MUITO precaria a felicidade que depende dos outros e não tem a sua nascente em nós mesmos.

O VELHO que não tem prudencia não se aproveitou da experientia.